

Metáforas conceptuais na relação mãe-bebê nos primeiros anos de vida

*Conceptual metaphors in the
mother-infant relationship in
the first years of life*

Janaina Aires da Silva QUEIROZ (UFPB)
janaaires@hotmail.com

Recebido em: 25 de jan. de 2018.
Aceito em: 05 de jun. de 2018.

QUEIROZ, Janaina Aires da Silva.
Metáforas conceptuais na relação
mãe-bebê nos primeiros anos de vida.
Entrepalavras, Fortaleza, v. 8, n. 2, p.
470-488, maio/ago. 2018.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo identificar metáforas conceptuais utilizadas na relação entre mãe e filho nos primeiros anos de vida. Utilizamos, como alicerce teórico, os postulados de cunho cognitivista de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), as contribuições de Sardinha (2007), os estudos sobre a relação entre metáfora e cultura (KOVECSES, 2005, 2010) e metáfora e ideologia (GOATLY, 2007), entre outros. O *corpus* é constituído por um conjunto de dados, obtidos através de diálogos cotidianos videografados na relação mãe-bebê, disponíveis no Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita (LAFE) da Universidade Federal da Paraíba. Com base na análise desenvolvida, pudemos perceber que desde as primeiras relações mãe-bebê já é possível verificar o uso de metáforas conceptuais, que revelam valores culturais, morais, éticos, ideológicos transmitidos pelas mães ao interagirem com os filhos.

Palavras-chave: Metáfora conceptual.
Relação mãe-bebê. Ideologia.

Abstract: This work has as general objective to identify the conceptual metaphors used in the relationship between mother and child in the first years of life. We use as theoretical foundation, the cognitive nature postulates of Lakoff and Johnson (2002 [1980]), the contributions of Sardinha (2007), the studies about the relationship between metaphor and culture (Kövecses, 2005, 2010) and metaphor and ideology (GOATLY, 2007), among others. The corpus consists of a set of data, four mother-baby dyads, obtained through videotaped everyday dialogues in the mother-baby relationship, available in the Speech and Writing Acquisition Laboratory (LAFE) of the UFPB. Based on the analysis, we could see that from the early mother-baby relationship it is already possible to verify the use of conceptual metaphors, and that the use of these metaphors reveal cultural, moral, ethical, ideological values, which are transmitted by mothers to when interacting with the children.

Keywords: Conceptual metaphor. Mother-baby relationship. Ideology.

Introdução

Durante muito tempo, a metáfora esteve restrita ao âmbito da literatura, sendo vista com a única função de ornamentar e embelezar textos literários. Entretanto, a partir da década de 1970, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) afirmam que a metáfora é um fenômeno cognitivo que se encontra presente nos mais diversos contextos do nosso cotidiano, influenciando na maneira como pensamos e agimos.

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) esclarecem que a metáfora consiste em compreender um conceito de um domínio da experiência em termos de outro domínio. Nesse caso, nota-se um mapeamento entre dois domínios (domínio fonte para o domínio alvo). Para os autores, a metáfora se encontra bastante presente na nossa realidade cotidiana, pois é difícil categorizarmos, experienciarmos, falarmos, pensarmos sobre os conceitos que estão a nossa volta sem recorrermos ao modelo cognitivo metafórico. As metáforas são licenciadas nos mais diversos textos que circulam socialmente através de expressões metafóricas que são condicionadas socioculturalmente, visto que os valores culturais, morais, ideológicos de uma sociedade podem influenciar na forma de construção e compreensão de metáforas.

Em algumas situações do cotidiano, a exemplo da relação das mães com seus filhos, que é objeto de nossa investigação, as mães utilizam metáforas, de modo inconsciente, através das quais são transmitidos valores, ensinamentos que são compartilhados pelo grupo social do qual elas fazem parte.

Partindo da presunção de que podemos investigar nosso sistema conceptual através do estudo de expressões linguísticas usadas em nosso cotidiano, neste trabalho, temos como objetivo geral

identificar metáforas conceptuais utilizadas na relação entre mãe e filho no período de aquisição da linguagem da criança, e, como objetivos específicos, verificar se as metáforas utilizadas pela mãe, ao dialogar com o filho, transmitem valores éticos, culturais, morais, ideológicos e quais são esses valores.

Para a realização deste trabalho, utilizamos como alicerce teórico a Teoria da Metáfora Conceptual, apresentada por Lakoff e Johnson (2002, [1980]), Kövecses (2005, 2010), Sardinha (2007), Goatly (2007), entre outros estudiosos.

A relevância deste trabalho justifica-se pela necessidade da realização de estudos que abordem a importância do uso de metáfora no processo de desenvolvimento do pensamento e da linguagem da criança na fase inicial de sua vida. Portanto, este artigo pode reforçar a ideia de que as metáforas aparecem cedo no desenvolvimento humano e de que, através do uso do recurso metafórico, a mãe pode ter mais uma forma de entrar em contato com seu bebê, revelando, assim, a maneira como ela vê e significa o mundo, em termos de valores éticos, culturais, ideológicos, morais.

Noções sobre a metáfora conceptual

Segundo Lakoff e Johnson, “a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 45). Para exemplificar, os autores citam a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, em que o conceito de discussão é estruturado e entendido a partir do conceito de guerra, com ganhadores e perdedores, ataques e defesas, como podemos observar nas seguintes expressões linguísticas: “Ele *atacou todos os pontos fracos* da minha argumentação”, “Jamais *ganhei* uma discussão com ele”; “Suas críticas foram *direto ao alvo*”; “Ele *derrubou todos os meus argumentos*”; “Se você usar essa *estratégia*, ele vai *esmagá-lo*.”

Esses exemplos evidenciam que nem todos os aspectos do domínio da discussão são utilizados na realização da metáfora conceptual, visto que nessas expressões apenas os aspectos bélicos foram utilizados, nesse caso, possíveis aspectos colaborativos que podem haver em uma discussão foram excluídos. Nota-se, assim, que, no processo de conceptualização metafórica, apenas alguns aspectos são mapeados

do domínio fonte para o domínio alvo, visto que, nas correlações feitas entre esses domínios, só são utilizados os principais aspectos que possam contribuir para uma melhor compreensão do domínio alvo. Logo, o mapeamento metafórico é parcial, ou seja, alguns aspectos dos conceitos metafóricos são focalizados e outros são encobertos.

É importante ressaltar que para a construção de um conceito no domínio alvo podem ser utilizados vários outros conceitos de domínios fontes diferentes, como podemos perceber nos exemplos abaixo:

AMOR É UMA FORÇA FÍSICA (ELETROMAGNÉTICA, GRAVITACIONAL ETC.) – Eu podia sentir *a eletricidade* entre nós./ Houve *faíscas*./ Eles sentem um pelo outro uma *atração* incontrolável./ Eles perderam *o ímpeto*./ Eles perderam *o fogo*.

AMOR É LOUCURA– Sou *louco* por ela/ Ela me faz *perder a cabeça*./ Fico *fora de mim* por causa do Harry/. Estou *louco* por ela.

AMOR É MÁGICO– Ela lançou *seu feitiço* sobre mim./ *A magia* passou./ Ela me *hipnotizou*./ Ele me mantém *em transe*.

AMOR É PACIENTE– Esta relação é *doentia*./ Eles têm um casamento *forte e saudável*./ O casamento está *morto*– não pode ser *ressuscitado*./ Nossa relação está *em pé* de novo./ Estamos *tomando pé* novamente.

AMOR É GUERRA– Ele é conhecido por suas inúmeras *conquistas* rápidas./ Ela *lutou* por ele, mas sua amante *venceu*./ Ele *fugiu* das *investidas* dela./ Ela *perseguiu-o* incansavelmente./ Ele *ganhou* a mão dela em casamento. (LAFOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 113–115, itálico do autor e negrito nosso).

Além disso, de acordo com os autores, é possível que um único conceito do domínio fonte seja utilizado para explicar a construção de vários outros conceitos diferentes nos domínios alvos:

IDÉIAS SÃO DINHEIRO– Deixe-me colocar *meus dois tostões*./ Deixe-me dar minha *pequena contribuição*./ Ele é *rico* de ideias./ Este livro é *um tesouro* de ideias.

TEMPO É DINHEIRO – Como você *gasta* seu tempo hoje em dia./Tenho *investido* muito tempo nela./ Você deve *calcular* bem o seu tempo./ *Reserve* algum tempo para o pingue-pongue. (LAFOFF; JOHNSON, 2002 [1980]), p. 50 e 111, itálico do autor e negrito nosso).

Ao saber, com base em Lakoff e Johnson (2002 [1980]), que a metáfora está intimamente imbricada com a cultura da sociedade, e depende dela para ser compreendida, esses exemplos evidenciam que um mesmo conceito pode ser entendido de diferentes maneiras, uma vez que podemos entender ou vivenciar uma determinada experiência a partir de vários conceitos. Além disso, mostram que as relações e ideologias de uma determinada cultura podem influenciar na forma como um conceito é definido.

A evidência do uso da metáfora em nosso cotidiano se dá através das expressões linguísticas que utilizamos diariamente para falarmos de nossas experiências, desejos, sentimentos, enfim para realizarmos nossos objetivos comunicacionais.

Nessa perspectiva, é necessário distinguirmos metáforas conceptuais de expressões metafóricas, visto que essas se referem às palavras, frase ou enunciados que utilizamos nas interações sociais para atingir determinados fins comunicativos, ou seja, elas concretizam a metáfora conceptual que está em nossa mente, enquanto aquelas se encontram subjacente a nossa própria linguagem em um domínio mais abstrato.

No que diz respeito aos tipos de metáforas conceptuais, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) classificam-nas em três categorias diferentes: estruturais, orientacionais e ontológicas.

As **metáforas estruturais** são aquelas que estruturam metaforicamente um conceito em termos de outro. Para exemplificar, os autores citam a metáfora TEMPO É DINHEIRO, a partir da qual compreendemos o conceito de tempo como algo valioso que não pode ser desperdiçado ou mal investido. Algumas expressões linguísticas que licenciam essa metáfora são: “Você está *desperdiçando* meu tempo”; “Eu não *tenho* tempo para te *dar*”; “Como você *gasta* seu tempo hoje em dia”; “Você deve *calcular bem* o seu tempo”; “Eu *perdi muito tempo* quando fiquei doente.”

As metáforas orientacionais são aquelas que organizam um sistema de conceitos com relação a outro, tendo em vista as nossas experiências corpóreas, culturais. Elas têm relação com o campo espacial, tais como: para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás, em cima – embaixo, fundo – raso. Lakoff e Johnson (2002 [1980]) exemplificam esse tipo de metáfora com os conceitos FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO, em que postura caída relaciona-se à tristeza e postura ereta à felicidade. As metáforas acima são atualizadas a partir de

expressões metafóricas tais como: “Estou me sentido *para cima* hoje”; “Meu astral *subiu*”; “Pensar nela sempre *me levanta* o ânimo”; “Eu *caí* em *depressão*”; “Meu ânimo *afundou*/ Estou *no fundo do poço*.”

As metáforas ontológicas, por sua vez, são as que são motivadas pela nossa experiência com os objetos físicos e substâncias. Através delas entendemos um conceito abstrato, como eventos, emoções, ideias em termos de entidades, objetos, substâncias, recipientes. Como exemplo, os autores citam a metáfora MENTE É UMA MÁQUINA, em que a mente é vista como um objeto que pode parar de funcionar, quebrar, pifar, ser ligado e desligado. Essa metáfora está presente em expressões metafóricas como “A minha *mente não está funcionando* hoje”; “Estou *um pouco enferrujado* hoje”; “Ainda *estamos remoendo a solução* para essa equação.”

A seguir, faremos uma breve explanação sobre a relação entre metáfora e cultura e ideologia.

Relação entre metáfora, cultura e ideologia

Um assunto de grande interesse na teoria da metáfora conceptual é a relação entre metáfora e cultura. Em sua obra, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) consideram o papel importante da cultura na construção do nosso sistema metafórico.

[...] nossos valores não são independentes, mas devem formar um sistema coerente com os conceitos metafóricos que orientam nossa vida cotidiana. Não estamos afirmando que todos os valores culturais coerentes com um sistema metafórico existam realmente, mas somente que aqueles que existem estão profundamente enraizados em nossa cultura e são compatíveis com nosso sistema metafórico. (LAKOFF; JONHSON, 2002 [1980], p. 72).

Apesar de esses autores terem evidenciado que a questão cultural não pode ser dissociada da metáfora, foi após a realização do trabalho de Kövecses (2005) que o aspecto cultural passou a ser mais considerado em pesquisas na área da metáfora conceptual. Esse autor define cultura “como um conjunto de entendimentos compartilhados que caracterizam grupos menores ou maiores de pessoas”¹ (KÖVECSES, 2005, p. 01).

Kövecses (2005) enfatiza a forte variação cultural da metáfora, mostrando que a variação metafórica pode ocorrer tanto entre culturas

¹ as a set of shared understandings that characterize smaller or larger groups of people.

diferentes como dentro de uma mesma cultura. Para o primeiro caso, o autor elenca alguns fatores, tais como: o uso de diferentes domínios fontes para um domínio alvo específico (e vice-versa, isto é, o uso cultural de um mesmo domínio fonte para conceituar vários domínios alvos); a preferência de determinadas culturas por algumas metáforas conceituais que empregam (mesmo que compartilhem o mesmo conjunto de metáforas com outras culturas); e, por fim, a possibilidade de algumas metáforas serem específicas de uma determinada cultura.

Para exemplificar a variação da metáfora entre culturas diferentes, Kövecses (2010) aborda alguns estudos realizados na área das emoções sobre variação cultural na linguística cognitiva, como podemos perceber no exemplo abaixo:

[...] Uma metáfora que o chinês tem, mas o Inglês não tem, é a felicidade é uma flor no coração. De acordo com Ning Yu (1998), a aplicação dessa metáfora reflete “O personagem mais introvertido do chinês.” Ele vê essa metáfora conceptual como um contraste com a metáfora do Inglês (Americano) que é ser feliz é estar fora do chão, que não existe no chinês o que reflete uma característica relativamente “extrovertida” de falantes de Inglês.² (KÖVECSES, 2010, p. 216).

A partir desse exemplo, verificamos uma variação na forma de conceituar a felicidade entre a cultura chinesa e a inglesa. Na primeira cultura, a felicidade é entendida como algo que se manifesta no interior dos falantes, já na segunda a felicidade é revelada externamente.

Assim como a questão cultural, a questão ideológica também se coloca como de fundamental importância no estudo da metáfora conceptual, uma vez que o estudo desta pode revelar ideologias latentes no pensamento, na linguagem e na realidade, visto que as metáforas podem ser vistas como fenômenos de grande importância na constituição e reprodução de ideologias, como podemos verificar ao analisar, neste trabalho, expressões metafóricas utilizadas na relação da mãe com seu filho, em situações cotidianas.

De acordo com Van Dijk (2015), as ideologias funcionam como se fossem crenças, ou seja, representações mentais, assim como as outras formas de *cognição social*, tais como conhecimento, opiniões, valores.

² A metaphor that Chinese has, but English does not, is happiness is flowers in the heart. According to Ning Yu (1998), the application of this metaphor reflects “the more introverted character of Chinese.” He sees this conceptual metaphor as a contrast to the (American) English metaphor being happy is being off the ground, which does not exist in Chinese at all and which reflects the relatively “extroverted” character of speakers of English.

Entretanto, de maneira diferente das opiniões pessoais, as ideologias são compartilhadas por grupos sociais. Sendo assim, conforme o autor, não existem ideologias pessoais, da mesma maneira que não existem línguas pessoais, uma vez que, mesmo que as 'ideias' originais que geram uma ideologia possam ter sido desenvolvidas por um ou alguns indivíduos, tais ideias só constituem uma ideologia quando grupos de pessoas as adquirem e passam a compartilhá-las com o fito de difundirem seus interesses coletivos e orientarem suas práticas no meio social.

A fim de servir aos interesses de um grupo social, as ideologias devem representar a própria "definição" de um grupo, de tal modo que os membros do grupo possam *identificar-se* como membros do grupo, em primeiro lugar. Desse modo, as ideologias tipicamente representam *quem* somos, *o que* fazemos, *por que* o fazemos, *como* (deveríamos ou não deveríamos) fazê-lo, e *para que* o fazemos, ou seja, nossa **identidade, ações, objetivos, normas e valores, recursos e interesses** sociais. Nesse sentido, as ideologias são o **autoesquema de um grupo** coletivo, basicamente mental, que consiste de informação organizada por essas categorias esquemáticas. (VAN DIJK, 2015, p. 54).

Ainda segundo o autor, as ideologias não são inatas, mas aprendidas. Elas são adquiridas gradativamente por pessoas como membros de grupos sociais, mediadas por experiências pessoais ilustradas a partir de atitudes socialmente compartilhadas em relação a assuntos considerados importantes no meio social. Dessa forma, para que essas atitudes sociais e ideologias a elas subjacentes sejam adquiridas e compartilhadas por um grupo, elas devem, primeiramente, serem expressas ou de alguma forma comunicadas entre os membros do grupo ou defendidas ou legitimadas fora do grupo.

No caso da relação mãe-bebê, as ideologias são comunicadas ao bebê através da fala da mãe, a qual, geralmente, é a principal responsável por inserir o-(a) filho-(a) no grupo do qual ela faz parte. Para isso ela compartilha com o infante as ideologias que sustentam os membros do seu grupo.

Fiorin (1998) define ideologia como um conjunto de representações que justificam e explicam a ordem social e as condições de convivência do homem no seu meio social. Sendo assim, "Como a ideologia é elaborada a partir das formas fenomênicas da realidade, que ocultam a essência da ordem social, a ideologia é 'falsa consciência'." (FIORIN, 1998, p.28). Percebe-se, portanto, que nossa realidade é constituída por ideologias e elas são responsáveis pela maneira como significamos nossas experiências diárias e compreendemos o mundo.

Por consequência, entendemos que nossa visão de mundo depende da forma como nossa sociedade é organizada. Essa organização social pode ser refletida através de expressões linguísticas metafóricas que utilizamos em nosso dia a dia para concretizar metáforas conceptuais convencionais que estão em nossa mente. Essas metáforas, segundo Goatly (2007), reproduzem ideologias e servem como ferramenta de poder, determinando, assim, nossa maneira de pensar e agir nas mais diversas esferas sociais.

Por fim, fica claro que as metáforas que carregam um componente ideológico podem influenciar nosso modo de pensar e agir no mundo em vários contextos sociais, inclusive desde as primeiras relações mãe-bebê, como poderemos perceber no próximo tópico.

Metodologia

O *Corpus* deste trabalho foi constituído a partir de um conjunto de dados, obtidos de diálogos cotidianos videografados na relação mãe-bebê, disponíveis no Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita (LAFE) da Universidade Federal da Paraíba. Esse laboratório tem em seu acervo um conjunto de dados composto de 09 díades mãe-bebê. Essas díades foram videografadas com crianças com idade entre 0 a 3 anos, a cada quinze dias, com sessões de duração média de 20 minutos cada.

As videograções originaram-se a partir de situações cotidianas nas casas das díades mãe-bebê e estão organizados por letras (da letra A a letra I), em que cada díade corresponde a uma letra específica. Para este trabalho, selecionamos algumas expressões linguísticas pronunciadas pelas díades identificadas pelas letras B (menino), C (menina), e H (menino).

No que se refere aos procedimentos de análise, podemos classificar esta pesquisa de acordo com seus objetivos e forma de abordagem. A respeito dos objetivos, ela pode ser classificada como descritiva e interpretativa, visto que, no decorrer do trabalho, descrevemos as metáforas conceptuais presentes na relação mãe-bebê, bem como os valores que são transmitidos através dessas metáforas. Já no que concerne à forma de abordagem, podemos classificá-la como qualitativa, posto que adotamos o processo de interpretação dos dados a partir da análise de expressões linguísticas, atualizadoras de metáforas conceptuais, utilizadas no cotidiano mãe-bebê.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, primeiramente, realizamos o processo de seleção de algumas videogravações das díades mãe-bebê, dentre as quais, algumas já encontramos transcritas por participantes do LAFE. Em seguida, utilizamos o método de leitura apresentado por Sardinha (2007), o qual consiste na identificação, através da leitura, de casos considerados metafóricos pelo pesquisador, a fim de fazermos um levantamento de expressões linguísticas encontradas no *corpus* selecionado.

Após a leitura exaustiva do *corpus* e a identificação de expressões linguísticas, observamos as metáforas conceptuais subjacentes a tais expressões. Além disso, analisamos quais valores éticos, culturais, morais, ideológicos são transmitidos através das metáforas utilizadas pela mãe.

Para facilitar o acesso aos dados de nosso trabalho, apresentamos as expressões linguísticas e suas respectivas metáforas conceptuais organizadas em quadros. Ademais, enumeramos as expressões linguísticas cardinalmente, por exemplo (1), (2), (3), e assim sucessivamente.

Por fim, destacamos que as metáforas conceptuais são apresentadas em letras maiúsculas, conforme propõem Lakoff e Johnson (2002 [1980]), e as expressões linguísticas licenciadas estão dispostas em itálico, cujas partes atualizadoras de metáforas conceptuais foram colocadas em negrito. Logo em seguida às expressões metafóricas, faz-se referência à díade que as proferiu e às respectivas sessões.

Análise e discussão dos dados

A fim de verificar nossa hipótese de que desde as primeiras relações entre mãe e bebê já é possível evidenciar o uso de expressões metafóricas e que o uso dessas expressões pelas mães pode possibilitar aos seus filhos a ampliação da linguagem e a construção de sentidos para o mundo, apresentamos a seguir o levantamento e a discussão sobre a ocorrência de metáforas conceptuais na interação mãe-bebê. Para tanto, identificamos as expressões linguísticas licenciadas e as relacionamos às suas metáforas conceptuais subjacentes.

Quadro 1 – Expressões que atualizam a metáfora conceptual SONO É ENTIDADE

SONO É ENTIDADE
1. M: É u soninhu , né Tu? (Díade B, sessão 3)
2. M: <i>É u soninhu, é u soninhu! É u sõninhu di mamai xegandu. U sõninhu di mãmãi!</i> (Díade B, sessão 3)
3. M: Cadê u sõninhu de Vitor? Hum? Cadê o sõninhu? Soninhu di mãmãi... (Díade B, sessão 3)
4. M: Já é u sõninhu , né Tu? (Díade B, sessão 4)

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Nas expressões acima, percebemos que a mãe categoriza o sono (domínio alvo) para a criança como uma entidade (domínio fonte) com a qual podemos nos comunicar (“*É u soninhu, né Tu?*”), procurar nos espaços físicos (“*Cadê u sõninhu*”), além de essa entidade poder chegar a determinados lugares assim como um ser vivo (“*É u sõninhu di mamai xegandu*”). Portanto, notamos que essas expressões atualizam a metáfora conceptual ontológica SONO É ENTIDADE, em que um conceito abstrato (sono) é concebido a partir de características próprias de uma entidade.

De acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980]), em algumas situações, é difícil categorizar, entender conceitos abstratos não tão bem delineados, sem recorrermos a metáforas conceptuais, pois elas facilitam a nossa compreensão sobre esses conceitos abstratos ao realizarem mapeamentos de domínios fontes (concretos) para domínios alvos (abstratos). Com isso, entendemos que as metáforas são utilizadas com bastante frequência em nosso dia a dia, facilitando-nos a compreensão do mundo a nossa volta.

Nesse sentido, desde cedo, antes mesmo de adquirirmos as habilidades linguísticas, nossas mães ou outros responsáveis já fazem uso de metáforas conceptuais em momentos de interação. Entretanto, em relação às expressões (1), (2), (3) e (4), é válido ressaltar que a metáfora SONO É ENTIDADE pode ter sido ativada, pela mãe, de maneira inconsciente, automática, visto que, conforme esclarecem Lakoff e Johnson (1999), a categorização das nossas experiências cotidianas, na maioria dos casos, não ocorre de maneira consciente, uma vez que ela é consequência inevitável da forma como nossos cérebros e corpos se organizam no mundo.

É importante destacar também que, nesse contexto de relação mãe-bebê, não é a metáfora em si que facilita a comunicação, o entendimento, visto que a mãe nem percebe que está usando metáforas, mas sim o contexto todo da linguagem, a exemplo das palavras no diminutivo (“**É u soninhu** [...]”, “**Cadê u sôninhu** [...]”, “**Já é u sôninhu** [...]”). Esse recurso que a mãe usa na interação com o filho se desfaz ao longo do tempo, quando a criança vai crescendo e adquirindo as mais diversas habilidades. Porém, a metáfora, que começa logo na infância, e consiste em utilizar as experiências concretas para compreender as abstratas permanece ao longo das nossas vidas.

No quadro a seguir, destacamos a recorrência da metáfora OBJETOS/BRINQUEDOS SÃO PESSOAS, atualizada por algumas expressões linguísticas que acabam revelando valores ideológicos que são transmitidos pela díade mãe-bebê.

Quadro 2 – Expressões que atualizam a metáfora OBJETOS/BRINQUEDOS SÃO PESSOAS

OBJETOS/BRINQUEDOS SÃO PESSOAS
5. M: <i>Ah ahahahahhh./ Bota a nenê pá durmi. Essa caxinha!! Essa caixa!</i> (Díade C- sessão 4)
6. M: <i>Ah ahahahahhh./ qué colocá a caixinha pra durmi? Ah ahahahh.</i> (depois a mãe coloca a boneca para dormi. Bebê repete o som produzido pela mãe). (Díade C- sessão 4)
7. M: <i>vamu butá a tôca na caixinha para durmi. Pronto. ahahahahahhh.</i> (Díade C- sessão 4)
8. M: <i>Ei cadê a chupeta, ela naum ta estabelecendu nenhuma relaçau cum a maí, só cum a câmera.</i> (bebê olha para a câmara). (Díade C-sessão1)
9. M: <i>dá cumida pra nenê! Oh a nenê! / nenê qué comê.</i> (bebê pega a colher mexe no prato e depois coloca na boca da boneca). (Díade C- sessão 9)
10. M: <i>comecá tirar essi povo daqui de dentru... essa multidãu</i> ((mãe tira brinquedos da banheira)) (Díade H- sessão 3)
11. M: <i>Botá u cebolinha pra durmi... ah ah ahhhhhh</i> ((brinquedo)). BB: <i>ahahahhh.</i> (Díade H-sessão 7)
12. M: <i>Bota a bola aqui sentada na cadeira.</i> (Díade H-sessão 20)
13. M: <i>Essa bola é disobedienti... né?</i> BB: <i>Éee</i> M: <i>oh bola teimosa.</i> M: <i>Oia lá vem a bola... ela n quer ficá queta</i> (Díade H-sessão 20)
14. M: <i>Bote a bola ai...mandi ela ficá queta.</i> BB: <i>Fica queta boia.</i> (Díade H-sessão 20)
15. M: <i>A bola é obedienti?</i> BB: <i>É!</i> M: <i>E você é obedienti?</i> (Díade H-sessão 20)

16. M: O lápiz nãu qué entrá aqui nau... venha ajudá mamã. (Díade H-sessão 21)
17. M: Num jogui nu sapinhu nau::... Se você jogá eli nãu vai mais brincar . (Díade H-sessão 2)
18. M: Eli é aqui ó... é bunitu? Faz carim no sapim...issu faz carim? ((brinquedo)) (Díade H-sessão2)
19. M: Comu é o nomi dessimininu? Taironi? Tu gosta deli? BB: Gotu. (mãe mostra ursinho) (Díade H- sessão21)
20. M: Num puxa u bixinhu pelu xifre nau. Eli chora. (brinquedo de uma vaca) (Díade H-sessão 22)
21. M: Vá conversá com a joaninha. ((brinquedo)). (Díade H-sessão 2)
22. M: Vou dá biscoitu a joaninha...a bichinha tá com fomi (Díade H-sessão 2)
23. M: Dê um beiju no cebolinha... pra eli ficar contenti...feliz. (ursinho de pelúcia- brinquedo) (Díade H- sessão 7)
24. M: Cadê u bonequinhu qui tava durmindu? (Díade H- sessão 9)
25. M: Toma tartaruginha pra durmi com você... Canta pra ela durmi... ahah ahhhh. (Díade H- sessão 9)

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Nessas expressões, percebemos a atribuição de características próprias dos seres humanos a objetos/brinquedos, como dormir, chorar, comer, conversar, brincar, ser obediente ou não. Nota-se, assim, que as mães, em situações de interações com seus filhos, criam um mundo imaginário em que seres inanimados ganham vida e podem possuir qualidades que são, geralmente, atribuídas às pessoas. Nesse sentido, verificamos que as expressões linguísticas, negritadas acima, atualizam a Metáfora Conceptual Ontológica de Personificação OBJETOS/BRINQUEDOS SÃO PESSOAS, em que do domínio-fonte (pessoas) foram mapeadas características, como a possibilidade de os seres humanos poderem dormir, comer, chorar, conversar, para definirem os domínios-alvos (objetos/brinquedos).

A respeito da relação mãe-bebê, destacamos que logo nas primeiras relações das mães com seus filhos, elas começam a repassar valores, ensinamentos, conhecimentos que estão carregados de ideologias e crenças de caráter social. Dessa forma, a maneira pela qual a mãe interage com seu filho está intimamente relacionada ao modo como seu meio social está organizado.

Através da análise de expressões metafóricas, podemos descobrir/revelar quais conceitos ideológicos estão por trás das

interações mãe-bebê, uma vez que, segundo Goatly (2007), é através de ideologias que as interações na sociedade são construídas e organizadas. Ademais, segundo o autor, o estudo de metáforas conceituais pode revelar a forma como determinada sociedade se organiza, os valores que a sustentam. Portanto, entendemos que as metáforas conceituais são ferramentas de poder de significativa importância na construção e transmissão de valores, comportamentos, atitudes, opiniões, crenças.

Em (12), (13), (14) e (15), percebemos que a díade recorre à personificação da bola (brinquedo) a fim de trabalhar com seu filho conceitos éticos, como a obediência. Nesse caso, a mãe humaniza a bola a partir da qualidade humana de ser ou não ser obediente, a exemplo das expressões “*essa bola é **disobedienti...** né?*”, “*oh bola **teimosa***”, “*A bola é **obedienti?***”. Por meio dessa personificação da bola, a mãe começa a questionar a obediência do filho ao proferir a seguinte expressão direcionada ao filho: “*E você é obediente?*”, evidenciando, dessa maneira, seu interesse em abordar o sentimento moral de obediência na sua relação com o filho.

Nesse contexto, é satisfatório para a mãe que seu filho seja obediente, pois, assim, terá menos trabalho na educação da criança. Além disso, em nossa cultura, ainda é forte a ideia de que os filhos devem obedecer e respeitar às ordens de seus pais. Com isso, constatamos que o uso das expressões metafóricas (12) (13), (14) e (15) pode funcionar como um indício de que a mãe, ao dialogar com seu filho, em uma situação cotidiana, e, aparentemente, desprovida de intenções, transmite valores éticos, culturais. Percebe-se, assim, que as metáforas conceituais são de fundamental importância na construção e reprodução desses valores.

Segundo Goatly (2007), as metáforas ideológicas podem moldar nossos comportamentos, pensamentos, ações em várias esferas sociais por serem transmitidas de forma oculta, inconsciente, sem, na maioria das vezes, questionarmos seus conceitos. De acordo com o mesmo autor, são as metáforas convencionais as que possuem maior força ideológica, visto que, por já serem cristalizadas na sociedade, as pessoas não percebem seus usos ideológicos.

No que se refere à metáfora OBJETOS/BRINQUEDOS SÃO PESSOAS, podemos considerá-la como uma metáfora já convencionalizada no cotidiano das relações mãe-bebê, uma vez que é comum as mães imaginarem/criarem situações de brincadeira com seus filhos, em que os objetos ganham vida e podem agir como os seres humanos. Esse uso de metáfora convencional pelas mães, o que se verifica também nas

outras metáforas aqui analisadas, pode ser explicado a partir da hipótese de que elas, desde muito cedo, repassam para os filhos conceitos já sacramentados socialmente, utilizando-se, conscientemente ou não, de metáforas convencionais.

Nesse sentido, da mesma forma que as expressões metafóricas (12), (13), (14) e (15) podem transmitir ideologias, as expressões (18), (19), (20), (21), (22) e (23) também podem possuir essa característica, pois, ao analisar tais expressões, verificamos que a mãe, na sua relação dialógica com o filho, repassa-o alguns ensinamentos, através da personificação de brinquedos, tais como: devemos ser carinhosos, amáveis, educados e bondosos na nossa relação no meio social. Essas atitudes são vistas pela mãe, e de forma geral pela sociedade, como positivas e de fundamental importância para o desenvolvimento afetivo da criança.

Com isso, entendemos que qualquer interação comunicativa, por mais simples que aparente ser, a exemplo da interação mãe-bebê em situações cotidianas, quase sempre é carregada de intenções, valores, ideologias. Isso fica claro a partir da análise das expressões anteriores, em que se verifica a atribuição de características dos seres humanos aos objetos/brinquedos.

Portanto, partindo dessa discussão a respeito da metáfora OBJETOS/BRINQUEDOS SÃO PESSOAS, podemos concluir que, na verdade, quando as mães usam os objetos/brinquedos como pessoas e esses têm que fazer tudo bonitinho, certinho, elas estão ensinando aos filhos como querem que eles se comportem, incentivando-os a terem boas atitudes nas suas relações com os outros. Então, aquilo que vale para o objeto vale para a criança que é o dono do objeto.

No quadro a seguir, destacamos a recorrência da metáfora CARO É PARA CIMA, atualizada através de algumas expressões linguísticas que deixam revelar o cuidado das mães com o gasto comedido das crianças.

Quadro 3 – Expressões que atualizam a metáfora CARO É PARA CIMA
CARO É PARA CIMA

26.M: *Tá bom di ligação tá muito **caru** telefoni.*

BB: *Tá nau!*

M: *Diga a isabeli q mais tarde vc vai lá*

M: *Diga a ela dinoiti*

BB: *Eu vou a casa tua, dinoiti*

M: *Tu inda ta falandu nu telefoni? Tu vai faze **a conta vim lá em cima.***

Terminô inda não? (Díade H- sessão 23)

Fonte: Dados de pesquisa, 2016.

Em (26), verificamos uma atualização da metáfora CARO É PARA CIMA, ativada, principalmente, pela expressão “*Tu inda ta falandu nu telefoni? Tu vai faze **a conta vim lá em cima**”*, em que a altura da conta (“a conta vim lá em cima”) está correlacionada ao preço elevado da taxa telefônica. Essa metáfora pode ser classificada como uma metáfora orientacional, uma vez que se nota uma orientação espacial, do tipo para cima-para baixo, em que o caro está para cima e o barato para baixo.

Segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980]), essa orientação espacial e outras como frente-trás, fundo-raso, central-periférico têm como base a forma como organizamos nossas experiências corpóreas no ambiente físico; além de estarem relacionadas com a cultura, haja vista o fato de que as metáforas baseadas nessas orientações podem sofrer variação entre as culturas. Para exemplificar, os autores mostram que, em algumas culturas, o futuro é entendido como algo que está na nossa frente, já em outras como algo que está atrás de nós.

Nesse sentido, sabendo que os valores de uma cultura estão intimamente associados às suas metáforas correspondentes, os enunciados metafóricos acima deixam revelar quais são os valores culturais que a díade compartilha sobre o mundo.

Na metáfora CARO É PARA CIMA, além de percebermos o papel importante da orientação espacial, das nossas experiências no mundo na estruturação e compreensão dessa metáfora, também destacamos a importância da cultura.

Nas expressões anteriores, observamos que a mãe, em um momento de brincadeira com seu filho, o qual finge falar demoradamente ao telefone com uma amiguinha, deixa revelar sua preocupação com a conta do telefone por a criança se “alongar demais na conversa”. Isso pode se configurar como um indício da necessidade que os pais sentem de controlarem os gastos dos filhos e, principalmente, de repassarem

esses valores econômicos, para que os infantes aprendam a lidar desde pequenos com as contas, com o dinheiro, e, assim, não venham a ter problemas econômicos no futuro.

A mãe, por viver numa sociedade onde os preços dos serviços aumentam bastante, a exemplo do aumento da taxa de telefone referido nas expressões acima, sente a necessidade, mesmo que não seja de maneira consciente, de repassar para o filho alguns ensinamentos, como o de que não se deve conversar demais ao telefone a fim de evitar altos gastos, de que é negativo o aumento de contas, tendo em vista o alto custo das coisas. Com isso, a mãe estimula o filho a criar hábitos financeiros saudáveis, para que ele saiba economizar e tomar conhecimento em relação aos limites dos gastos que pode ter.

Verificamos, dessa maneira, a importância que os valores culturais têm na construção/compreensão da metáfora acima, uma vez que a mãe, inconscientemente, no momento de proferir as expressões presentes em (26), foi influenciada pelos valores que são compartilhados socialmente, por exemplo, que temos que ser econômicos e organizados com nossas contas. Por sua vez, nós, no momento de analisarmos as expressões, também sentimos necessidade de recorrermos ao contexto cultural do qual fazemos parte para darmos conta da compreensão.

Considerações Finais

Com base na análise deste trabalho, pudemos constatar que as metáforas começam a fazer parte de nossas vidas desde a mais tenra infância, quando nossas mães ou outros responsáveis começam a estabelecer as primeiras relações conosco. Com isso, evidenciamos a importância das metáforas na nossa vida cotidiana e na forma como pensamos e categorizamos o mundo a nossa volta.

Na metáfora SONO É ENTIDADE, por exemplo, notamos que as mães se utilizaram de conceitos mais familiares para categorizar conceitos não tão bem delineados na nossa realidade experiencial, como são os conceitos abstratos. Já na metáfora OBJETOS/BRINQUEDOS SÃO PESSOAS, considerada a mais recorrente em nosso *corpus* (com 21 atualizações linguísticas), talvez por ser comum o fato das mães criarem um mundo imaginário para os filhos em que seres inanimados passam a ter qualidades humanas, verificamos o uso de expressões linguísticas que transmitem valores ideológicos, éticos, morais, culturais. Tendo por base essas expressões, constatamos que as mães em interações com

os filhos se apropriam de características próprias dos seres humanos (dormir, comer, brincar, ser obediente ou não, educado, carinhoso) para categorizar objetos e brinquedos.

Na metáfora CARO É PARA CIMA, constatamos a importância das nossas experiências corpóreas, físicas e culturais no modo como compreendemos o mundo a nossa volta. Além disso, tendo por base as expressões atualizadoras dessa metáfora, evidenciamos o desejo que a mãe sente de repassar para o filho ensinamentos sobre economia para que ele aprenda a lidar desde pequeno com o dinheiro e os gastos que pode ter.

Tendo por base a análise do *corpus*, foi possível perceber que as metáforas conceituais são utilizadas pelas mães desde os primeiros contatos com os filhos, seja para possibilitar a criança o conhecimento da linguagem, dos conceitos do mundo, seja para transmitir valores culturais, éticos, morais, ideológicos arraigados na sociedade. Desse modo, fica claro que a metáfora não funciona como um mero ornamento linguístico, que serve apenas para embelezar os textos literários, sendo vista de maneira diferente, ela é de fundamental importância na conceptualização e compreensão dos conceitos que fazem parte do nosso cotidiano.

Por último, ressaltamos que a análise aqui exposta não se apresenta de forma alguma acabada, visto que esta é apenas uma visão dentre muitas outras que podem surgir. Além disso, acreditamos que futuras pesquisas podem ser realizadas, com o fito de ampliar os estudos voltados para o uso das metáforas conceituais no cotidiano, podendo revelar, assim, o modo como outros sujeitos compreendem e conceptualizam o mundo que os cerca.

Referências

- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1998.
- GOATLY, A. **Washing the brain**: metaphor and hidden ideology. Philadelphia: John Benjamins, 2007.
- KÖVECSES, Z. **Metaphor in culture**: universality and variation. Cambridge University Press, 2005.
- KÖVECSES, Z. **Metaphor**: a practical introduction. Oxford: O.U.P., 2010.
- LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. (Coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto). Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, (2002[1980]).
- LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999, 624 p.

SARDINHA, T. B. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

VAN DIJK, T. A. Ideologia. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.50, n. esp. (supl.), s53-s61, dez. 2015.